

LISIANE CRISTINA MAZUR

O CAFÉ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A INDUSTRIALIZAÇÃO
BRASILEIRA

Trabalho de Monografia
apresentado como requisito
parcial à conclusão do curso
de Ciências Econômicas,
Setor de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade
Federal do Paraná.
Orientador: Dr. Francisco B.
B. de Magalhães Filho.

CURITIBA

2004

TERMO DE APROVAÇÃO

LISIANE CRISTINA MAZUR

O CAFÉ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Profº Francisco de Borja Baptista Magalhães Filho
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas

Examinador:



Profº Igor Zanon Constant Carneiro Leão
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas

Examinador:



Profº Romeu Herbert Friedlaender Júnior
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas

CURITIBA
2004

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	ii
RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO	01
2 ORIGEM DO CAFÉ	03
3 DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA CAFEIEIRA	05
3.1 OS BENEFÍCIOS DA ECONOMIA CAFEIEIRA.....	07
3.2 A QUESTÃO DA MÃO DE OBRA.....	07
3.3 AS FERROVIAS.....	10
4 A ECONOMIA CAFEIEIRA NO SÉCULO XX	12
5 O PROBLEMA DA SUPERPRODUÇÃO CAFEIEIRA	13
6 INÍCIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA	15
6.1 SURGIMENTO DA BURGUESIA INDUSTRIAL.....	19
6.2 A PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS.....	21
7 ALGUMAS INDÚSTRIAS ESPECÍFICAS	24
7.1. INDÚSTRIAS TÊXTEIS.....	26
7.2. INDUSTRIAS DE CHAPÉUS.....	27
7.3.INDUSTRIAS DE CALÇADOS.....	28
7.4.INDUSTRIAS METAL-MECÂNICAS.....	29
7.5.INDUSTRIAS DE CIMENTO.....	30
7.6.INDUSTRIAS SIDERURGICAS.....	31
8 CONCLUSÃO	32
REFERENCIAS	34

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. BRASIL– PRODUÇÃO DE CAFÉ – 1821 1900.....	06
TABELA 2. PERÍODO EM QUE O CAFÉ CONSOLIDA SUA POSIÇÃO COMO PRINCIPAL PRODUTO DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL.....	06
TABELA 3. ENTRADAS E SAÍDAS DE TRABALHADORES, 1902-1906.....	09
TABELA 4. EXPANSÃO DAS ESTRADAS DE FERRO DA CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS LINHAS EM 1824 A 1929.....	11
TABELA 5. BRASIL – INDÚSTRIA, 1907 E 1920.....	23
TABELA 6. DISTRITO FEDERAL E SÃO PAULO – INDUSTRIA – 1907, 1920 E 1929.....	23
TABELA 7. VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – INDICE SIMONSEN BRASIL: 1914-1918.....	24
TABELA 8. PRINCIPAIS INDUSTRIAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL NOS PERÍODOS ANTERIOR E POSTERIOR A PRIMEIRDA GUERRA MUNDIAL.....	26
TABELA 9. EXPORTAÇÕES DE MAQUINARIAS TÊXTIL PARA O BRASIL 1893 – 1939 – MÉDIAS ANUAIS.....	27
TABELA 10. VALOR DA PRODUÇÃO POR RAMOS INDÚSTRIA,1920.....	28
TABELA 11. BRASIL, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO: CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA MANUFATUREIRA, 1907, 1920, 1929.....	28

RESUMO

A presente monografia apresenta como o cultivo do café influenciou no processo de industrialização brasileira. É feita uma abordagem desde a origem do café até sua queda, em 1930, quando o mundo entrou em declínio devido à quebra da bolsa de Nova Iorque. Em seguida discute-se o avanço das indústrias no país, visto que a industrialização já havia começado ao final do século XIX. Este avanço deve-se em grande parte, devido à passagem do capital cafeeiro para o capital industrial. Este processo ocorreu devido à diversificação dos capitais, que os produtores de café desejavam aplicar no mercado. O café contribuiu muito para o desenvolvimento da indústria interna, pois nos arredores das plantações, surgiam pequenas fábricas, indústrias, comerciantes, ferrovias eram construídas e até bancos foram criados, para atender a demanda da população que vivia nos cafezais. Foi no início da década de 1930 que a industrialização passou a ser meta prioritária na economia do país, pois com a queda nas exportações de café, o Brasil, não tinha mais dinheiro para comprar produtos importados, e obrigou-se a produzi-los internamente. O governo investiu em grande parte das indústrias já existentes, e contribuiu com capital para formação de outras. A maioria das indústrias nascentes no período eram de bens de consumo, principalmente têxteis e alimentícias. Com estes dados tem-se uma noção de como o processo de desenvolvimento industrial ocorreu no Brasil.

O CAFÉ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca abranger e analisar o período de um dos ciclos mais importantes da economia brasileira: o ciclo do café; e como sua produção contribuiu para o crescimento e desenvolvimento das indústrias brasileiras do país.

O ciclo cafeeiro foi muito importante para o país quando a economia brasileira ainda era agroexportadora. O Brasil já era o país que mais produzia café no mundo, no final do século XIX e início do século XX. Suas plantações estenderam-se pelo sudeste do país, mais especificamente em São Paulo, o maior estado produtor, e no norte do Paraná. Este produto revolucionou os modos de produção e a força de trabalho da época, a qual passou da escravidão para trabalhadores assalariados. Também contribuiu para o desenvolvimento das primeiras ferrovias no país, foi responsável pela formação do comércio interno, criação de bancos e, empregou muitos imigrantes europeus em suas plantações.

O café, adquirindo grande importância no mercado externo, contribuiu muito para o aumento das exportações. Com esse processo, abriu-se caminho para o mercado interno, ou seja, o desenvolvimento do comércio nas regiões produtoras de café. As indústrias surgiram como "franjas" para abastecimento do comércio local.

Durante grande período o capital cafeeiro era reinvestido na produção, através dos grandes fazendeiros, os quais dominavam este mercado. Com isso, a oferta de café era muito grande, e a demanda nem sempre. O café enfrentou algumas crises, como a Primeira Guerra Mundial, geadas, pragas, entre outras. Porém logo encontrava novo mercado, e continuava sua produção.

Mas foi no final da década de 1920 que a demanda de café reduziu-se de forma significativa e começou a encontrar problemas para ser vendido no mercado internacional. A produção de café era muito grande, e não havia demanda suficiente para suprir toda a produção. Então caberia ao governo intervir no mercado, comprando parte da produção, ou destruindo ainda nas plantações. A crise piorou em 1929, com a

quebra da bolsa de Nova Iorque. A economia mundial entrou em crise. O café não encontrava mais mercado para venda. As exportações diminuíram. Logo, o dinheiro para importar produtos, máquinas e equipamentos consumidos pela população, estava cada vez mais escasso. Foi então que o país sentiu a necessidade de industrializar-se e produzir seus próprios meios de consumo.

A industrialização já havia começado no Brasil ao final do século XIX, porém as indústrias existentes eram pequenas e sem muitas condições de prosperidade. Os fazendeiros, então, resolveram aplicar o dinheiro, não somente em café, mas também na indústria, para prevenção de algum risco. E quando a crise chegou, parte do capital cafeeiro, foi destinado à industrialização do país.

A industrialização no início da década de 1930 foi lenta, pois o país não tinha bases suficientes para toda a produção interna, e no momento estava difícil de importar máquinas e equipamentos estrangeiros. Mas mesmo assim a indústria local foi, aos poucos, produzindo e ganhando mercado. As primeiras a desenvolverem-se foram às indústrias têxteis, alimentícias e as de vestuário. E em meados da década de trinta, já existiam algumas indústrias pesadas.

O capital industrial, portanto, surgiu das formas de acumulação do capital cafeeiro, sendo que a indústria fortalece o capitalismo e o comércio internacional do Brasil com outros países.

2. ORIGEM DO CAFÉ

A planta do café tem origem etiópica, passando mais tarde a ser cultivada na Arábia, sendo que os árabes começaram a tomar café a partir do século XV, pois servia como estimulante para vencer a fadiga. O cultivo e o uso do café passou por algumas dificuldades para desenvolver-se, devido à resistência por alguns fanáticos, como aconteceu em Mecca, no ano de 1511.

Partindo de Mecca, sendo levadas por peregrinos em caravanas comerciais ou religiosas, as sementes de café espalharam-se por todo Oriente próximo, Egito, Turquia e Síria, passando a ser introduzido por quase toda a Europa. Proliferou nos países cristãos, pelo Mediterrâneo, por mercadores, gregos e venezianos. No século XVII, o café era bebida conhecida na Inglaterra, Itália, França e Holanda, entre outros. Nesta época, era a Arábia que atendia a demanda mundial pelo café, porém sua produção era limitada e em pequena escala.

Na América do Sul os cafezais foram introduzidos a partir do século XVIII, na região da Guiana Francesa. A entrada do café no Brasil deu-se por meio de um jovem chamado Francisco de Melo Palheta, que trouxe de Caiena para o Brasil os primeiros grãos de café aqui plantados. O café foi introduzido pela Amazônia, e as primeiras sementes foram plantadas em Belém do Pará em 1722. Foram cultivadas mudas de café no Maranhão, Amazonas, Ceará, porém em todas essas áreas o clima não contribuiu muito para seu desenvolvimento. Foi no Estado da Bahia, em 1780 que, desenvolveu-se um número significativo de cafezais. Devido às nossas condições climáticas, o cultivo de café espalhou-se rapidamente, com produção voltada para o mercado doméstico.

No Rio de Janeiro o café foi trazido pelo desembargador João Alberto de Castelo Branco, em meados de 1770, onde plantou algumas mudas de café, as quais cresceram e multiplicaram suas sementes nas terras do centro-sul. Foi plantado em quase todo o estado do Rio, espalhando-se nas montanhas do Corcovado, Serra da Tijuca, Jacarepaguá, Vassouras, Valença, entre outras regiões. E em pouco tempo, o café cultivado nesta região será superior aos cafezais do resto do mundo. Entretanto, a

cultura do café em áreas com declive acentuado e o total descuido quanto à preservação do solo geram uma erosão intensa. Por este motivo, as terras ficam rapidamente esgotadas e a cultura cafeeira migra para um outro local.

O início do cultivo em São Paulo deu-se primeiramente no Vale da Paraíba, devido ao prolongamento das plantações do Rio de Janeiro. Sua primeira plantação teve início em Areias por volta de 1790, a partir daí expandindo-se para outras áreas dessa região. A lavoura do café encontrou nas regiões de São Paulo e Rio solos ricos e produtivos e um clima favorável ao cultivo, porém, mesmo com todos estes privilégios, no início do século XIX encontrou algumas dificuldades para se implantar, devido à antiga indústria açucareira e os velhos canaviais que ali se encontravam. Também o maquinário que era usado nos cafezais era primitivo. Os cafezais da região paulista sofrem menos o esgotamento dos solos do que a região carioca, por sua superfície plana, e pelo mesmo motivo as comunicações e os transportes são mais fáceis nessa área de topografia regular e riqueza mais concentrada.

A primeira exportação do produto no Brasil é de 1795, através do porto de Santos, para Lisboa. As cifras de exportação por Santos acusavam 132 arrobas para 1801, 1.243 para 1804, 1.060 para 1806 e 1.270 para 1807, como indica TAUNAY (1945 p.43).

Outras regiões em que prosperou a lavoura cafeeira foram em Minas Gerais e Espírito Santo. O café instalava-se e ganhava força em detrimento das plantações de açúcar, tornando-se mais competitivo nas exportações. Um dos grandes núcleos em Minas foi o da Mata, próximo ao Rio de Janeiro, e também em Rio Preto. A lavoura de café no Espírito Santo iniciou-se lentamente, não alcançando consideráveis preços no mercado, porém mais tarde, adquiriu força e conseguiu números altos nas exportações desse produto.

Havia, portanto, encontrado uma nova fonte de riquezas no país: o café. O qual produziria frutos nunca antes atingidos, ao mesmo tempo em que modificava a estrutura econômica e cultural do país.

3. DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA CAFEIEIRA

Durante a metade do século XIX o Brasil passou por várias transformações em sua economia, as quais antes não se imaginavam, pois o país atravessara por uma estagnação e um período de decadência de crescimento, tanto no mercado interno como no externo. Uma das saídas encontradas para o Brasil seria o crescimento das exportações e uma maior participação no mercado internacional. O desenvolvimento apenas do mercado interno não era suficiente, pois o país deveria estar em um estágio mais complexo para desempenhar esta função, principalmente na área tecnológica. Influxo de capital também não seria uma alternativa viável, pois o país não possuía mais créditos no exterior, devido a sua decadência econômica.

Portanto o problema da economia brasileira estava em encontrar um produto que elevasse o nível das exportações, mas que ao mesmo tempo, não exigisse uma demanda por recursos tecnológicos nem por capitais. O fator de produção abundante naquela época era a terra.

Foi então que o café, como um produto novo e de fácil adaptação ao clima e a terra brasileira, encontrou as condições favoráveis para o seu desenvolvimento, assumindo importância comercial, e não apenas para fins de consumo local. Este fato ocorre devido “à alta de preços causada pela desorganização do grande produtor que era a colônia francesa do Haiti, como afirma FURTADO” (1977, p. 113).

Com o café tornando-se um produto de grande importância para as exportações brasileiras, intensificou-se seu plantio nas regiões montanhosas ao redor da capital. E em pouco tempo, o café passa a ser o primeiro produto com valor significativo nas exportações, passando à frente do açúcar e do algodão, produtos estes que eram de extrema importância para o país. Entre 1830-1840, o produto assumiu a liderança das exportações do país com mais de 40% do total das exportações, sendo que em 1840 o Brasil tornou-se o maior produtor de café, e em 1870-1880 o café passou a representar até 56% do valor das exportações. O aumento verificado nas exportações brasileiras na primeira metade do século XIX deveu-se ao café.

**TABELA 1. BRASIL – PRODUÇÃO DE CAFÉ – 1821 1900.
(EM MILHÕES DE SACAS)**

Anos	Produção
1821-1830	03
1831-1840	10
1841-1850	17
1851-1860	26
1861-1870	29
1871-1880	36
1881-1890	53
1891-1900	72

Fonte: **Silva S.**, 1986, P. 43.

TABELA 2. PERÍODO EM QUE O CAFÉ CONSOLIDA SUA POSIÇÃO COMO PRINCIPAL PRODUTO DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL.

Anos	Exportação		Preço Médio (£ por saca)	Participação nas Exps do Brasil (%)
	Quant. (1.000 scs)	Valor (£1.000)		
1821	129	704	5,5	16,3
1830	480	663	1,4	19,8
1840	1.383	2.657	1,9	46,7
1848	2.340	2.936	1,3	43,4
1860	2.524	6.89	2,5	53,3

Fonte: Magalhães 1970, p. 320.

3.1 Os Benefícios da Economia Cafeeira

Encontrado o produto para reintegrar o país nas correntes em expansão do comércio mundial, foram também encontrados campos de diversificação econômica, como o caminho para o desenvolvimento da industrialização, da força de trabalho e da tecnologia para o país. Surgem a partir daí, entremeando os períodos de crise, a substituição paulatina do trabalho escravo pelo assalariado, como conseqüente desenvolvimento do mercado interno que acabou por evoluir, exigindo meios de transporte, melhoria dos portos para escoamento da produção, mecanização do beneficiamento do café e aparição das primeiras indústrias, antecessoras da ruptura com o sistema econômico anterior. As exportações brasileiras cresceram notavelmente no final do século XIX, e o Brasil chegou a praticamente monopolizar o comércio de café com a Europa e os Estados Unidos, onde o consumo de café era enorme. Neste período o país experimentou um elevado crescimento econômico, iniciando o processo de modernização brasileiro.

3.2 A Questão da Mão De Obra

A produção cafeeira baseia-se na utilização da mão de obra escrava, abundante no país devido à desarticulação da economia mineira e do cultivo do açúcar. Ao contrário da economia açucareira, o café necessita de menos reposição do capital, pois os equipamentos são de produção nacional, e o principal fator de produção é a terra. Como as exportações do café foram aumentando nos séculos XVIII e início do século XIX, houve a necessidade de importação de novos escravos. As condições de vida dos escravos eram muito precárias, sendo que a taxa de mortalidade entre eles era superior a taxa de natalidade. A maior fonte exportadora de escravos para o Brasil era a África, porém esta logo foi eliminada por Portugal, e sendo assim, iniciou-se o problema da mão de obra no país. Com a proibição do tráfico internacional de escravos, decretado

pela Inglaterra, e a posterior abolição da escravatura no Brasil, a utilização de mão de obra já não era mais possível e representava alto custo, visto que era necessário remunerar o trabalhador. Mas como o Brasil, um país tão extenso e com tantas terras, com um sistema de agricultura em expansão, não conseguia expandir sua força de trabalho?

A economia brasileira no final do século XVIII era agrícola baseada na subsistência, onde as famílias produziam seus próprios alimentos com condições primitivas e técnicas rudimentares com baixíssima produtividade. O chefe destas famílias era o proprietário das terras; o qual não tinha interesse em desarticular o sistema. Nem mesmo nas cidades, onde a população raramente encontrava-se em trabalho permanente, encontrava-se mão de obra disponível.

Uma solução encontrada para o problema foi formar uma corrente de imigração européia. Foram criadas colônias distintas em grande parte do Brasil, onde o governo imperial pagava transporte e gastos de instalação para dar trabalho aos colonos, porém estas colônias mais tarde caíam em um sistema de subsistência. Era então necessário integrar estas colônias em atividades produtivas rentáveis.

“Em 1852 um grande plantador de café, o senador Vergueiro, se decidiu a contratar diretamente trabalhadores da Europa” (FURTADO, 1977 p.126). A idéia era aumentar a oferta de mão de obra, sendo que o governo pagava o transporte das famílias da Europa para o Brasil, e em troca o imigrante vendia o seu trabalho futuro. Por estes motivos formou-se uma grande corrente imigratória da Europa para a América, sendo utilizada em grandes plantações.

Segundo MAGALHÃES (1970, p.334) as imigrações aconteceram da seguinte maneira:

A imigração cresceu rapidamente a partir de 1870. Em 1876, entravam 7.000 italianos e 8.000 portugueses, mas em 1877 13.000 italianos e 8.000 portugueses. Entre 1856 e 1905 entraram no Brasil 2.120.000 imigrantes, dos quais 1.044.000 italianos, estes predominantemente para São Paulo e a cafeicultura, 479.000 portugueses e 219.000 espanhóis, também destinados principalmente à cafeicultura paulista.

Outro fator importante para o desenvolvimento da economia brasileira foi à passagem da abolição da escravatura para o trabalho assalariado. Essa transformação

não significa destruição nem criação de riqueza, apenas uma redistribuição de propriedade.

A abolição do trabalho escravo trouxe várias modificações para a economia cafeeira, entre elas destaca-se a redução do grau de utilização da força de trabalho. Com a abolição da escravatura foi necessário efetuar uma negociação de salário para o trabalho nas regiões cafeeiras. Não houve modificação na forma de organização da produção, e tão pouco redistribuição de renda, pois os ex-escravos e seus descendentes continuaram a viver em condições precárias.

FURTADO (1970, p.151) ilustra a diferença desta passagem para o trabalho assalariado. "Observada em conjunto a nova economia cafeeira baseada no trabalho assalariado apresentava certas similitudes com a antiga economia escravista: está constituída por uma multiplicidade de unidades produtoras que se ligam intimamente às correntes do comércio exterior".

TABELA 3. ENTRADAS E SAÍDAS DE TRABALHADORES, 1902-1906.

Anos	Entradas (em milhares)	Saídas (em milhares)
1902	40,4	31,4
1903	18,2	36,4
1904	27,8	32,6
1905	48,1	34,4
1906	48,4	41,3

Fonte: Silva, S., 1986, p.53.

3.3 As Ferrovias

O transporte foi um dos ramos em que o café colaborou em seu desenvolvimento. Uma das maiores contribuições foram às construções das ferrovias, principal meio de transporte para escoamento da produção cafeeira na época. A partir das vias férreas foram desenvolvidas infra-estruturas necessárias para o capitalismo, especialmente para repor na região cafeeira. A construção e o desenvolvimento das ferrovias no Brasil ganharam importância devido ao ciclo do café. O transporte no início das plantações era feito através das mulas, as quais traziam o café do interior aos portos para escoamento. Porém com o aumento da produção para exportação, as mulas não tinham como carregar o produto por maiores extensões de terras.

“Em 1854, inaugurava-se à primeira estrada de ferro do Brasil, o pequenino trecho de Mauá á Raiz da Serra da Estrela, fruto da iniciativa do grande Irineu de Souza, visconde de Mauá” (TAUNAY, 1945 p.101).

As construções das estradas de ferro baratearam o transporte, pois com os trens era mais barato o escoamento da produção ao invés do transporte com as mulas.

As estradas de ferro em sua maioria foram construídas com capital nacional do complexo cafeeiro, e dirigidas por companhias organizadas pelos próprios fazendeiros de café.

As ferrovias diminuíram os custos para os cafeicultores, tornando-se uma atividade com alta lucratividade. Com as estradas de ferro, no início da industrialização brasileira, foram instaladas oficinas e pequenas indústrias de construção de maquinário e peças para os trens, reparo e treinamento de mão de obra especializada.

TABELA 4. EXPANSÃO DAS ESTRADAS DE FERRO DA CRIAÇÃO DAS PRIMEIRAS LINHAS EM 1824 A 1929

Anos	Região Cafeeira ¹ (Km)	Brasil (Km)
1854	14,5	¹ 14,5
1859	77,9	109,4
1864	163,2	411,3
1869	450,4	713,1
1874	1.053,1	1.357,3
1879	2.395,9	2.895,7
1884	3.830,1	6.324,6
1889	5.590,3	9.076,1
1894	7.676,6	12.474,3
1899	8.713,9	13.980,6
1904	10.212,0	16.023,9
1906	11.281,3	17.340,4
1910	-	21.466,6
1915	-	26.646,6
1920	-	28.556,2
1925	-	32.000,3
1929	18.326,1	32.000,3

Fonte: Silva S., 1986 p. 52

¹Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara (Antigo Distrito Federal), Minas Gerais e São Paulo

4. A ECONOMIA CAFEIEIRA NO INICIO DO SÉCULO XX

No início do século XX a economia cafeeira continua basicamente a mesma do século anterior, ou seja, uma economia agrícola. Contudo o crescimento é maior e, portanto, mais pessoas e capitais são empregados nesta economia. O café tornou-se o mais importante produto da economia agrícola exportadora da época, dominando 70% da produção; sendo que o estado de São Paulo era o maior produtor. Todos os demais setores econômicos giravam ao seu redor. E o progresso brasileiro iniciou-se com franjas produtivas ao redor das fazendas de café. O país era o maior exportador de café mundial, e o seu maior mercado consumidor eram os Estados Unidos e a Europa. “O progresso quantitativo da cultura cafeeira no Brasil não foi, contudo, acompanhado de igual processo qualitativo” (PRADO, 1982 p. 155). Nas ocupações de terras mais antigas, começam a refletir aspectos de decadência dos cafezais, como enfatiza PRADO (1982, p. 154):

A decadência da lavoura cafeeira, já iniciada aí no Império, chegará em boa parte das regiões à sua consumação final. Somente as ruínas de velhas mansões senhoriais, antigas residências de opulentos fazendeiros, denotam nela a rápida passagem da riqueza do café; as plantações desapareceram e em seu lugar não encontramos outra coisa que uns pobres pastos que alimentam um gado miserável e ralo. O que sobra de café são apenas culturas decadentes e esparsas, em processo contínuo de aniquilamento.

A solução seria então encontrar terras virgens e bom clima que fossem capazes de produzirem a mesma quantidade de café que antes. Visto que o Brasil era abundante em terras, este não seria considerado um problema.

O café adquiriu alto valor de mercado interno e externo, proporcionando riqueza e progresso para o país. Seu crescimento foi rápido e intenso, trazendo benefícios para o Brasil de diversas formas. Uma delas a o surgimento da dominação das relações capitalistas a qual substitui as formas primitivas de produção agrícola e a subsistência.

O café possibilitou acumulação de capital, determinando uma grande capacidade para importar diversos produtos. Esta capacidade atendia a demanda dos capitalistas, suas necessidades de bens de capital e insumos para o desenvolvimento do país. Com

o desenvolvimento do capitalismo a terra continua com sua importância como meio de produção. “A produção capitalista rompe os limites dos territórios nacionais. A constituição de uma economia mundial capitalista permite que o capital passe a desenvolver a produção em lugares onde não se constituíram condições outrora necessárias ao seu desenvolvimento”, (SILVA, 1986 p. 69).

Portanto, o capitalismo influenciou as relações com a produção cafeeira. As relações capitalistas junto com o café, transformaram as relações de trabalho, baseada na divisão do trabalho, o crescimento do mercado interno e externo, e a acumulação de capital.

5. PROBLEMA DA SUPERPRODUÇÃO CAFEEIRA

O café sendo o primeiro produto de maior importância brasileira, responsável pelos elevados níveis de exportação que vai do Império à República Velha. As condições do mercado internacional, muito influenciavam na economia brasileira, principalmente o preço internacional do café. As condições deste mercado não eram controladas somente pelo Brasil, outros países influenciavam na oferta e na demanda. “A demanda dependia das oscilações no crescimento mundial, aumentava em momentos de prosperidade e se retraía quando os países ocidentais entravam em crise ou em guerra”, como afirmam, GREMAUD, VASCONCELLOS e TONETTO (2002 p.354).

Estes problemas mostravam como uma economia agroexportadora, apresentava uma alta vulnerabilidade, pois quando havia crise internacional, afetava as exportações do café, criando sérios problemas para todas as outras atividades no país, pois estas de alguma maneira dependiam do desempenho das exportações cafeeiras.

A partir destes aspectos é que surge o problema da superprodução brasileira. O problema tem início com o aumento das culturas. É lógico que a produção é muito variável, com grandes oscilações² de preços. Em 1906, os produtores passam por uma

² Que provém da sucessão de anos ou períodos de condições climáticas mais ou menos favoráveis, Caio Prado Jr. (1982, p.157).

crise, onde os preços caíram a um nível abaixo do custo de produção, e as lavouras perderam muito com isso. Cientes desta realidade os produtores, cujo poder político e financeiro fora amplamente acrescido com a descentralização política, sendo que vários cafeicultores tornaram-se governadores e até presidentes da República, celebraram, em fevereiro de 1906, na cidade paulista de Taubaté, convênio visando à valorização dos preços. Foram feitas intervenções no mercado por grupos financeiros para compra de parte da produção, porém encontraram dificuldades para obter os recursos necessários, tendo mais tarde que se aliarem a outros grupos para formar uma corrente mais forte. Esta é uma fase de valorização do café de grande importância para o país.

A segunda valorização do café acontece no período da primeira Guerra Mundial (1914-1918), como diz PRADO (1982, p. 161):

Quando a desorganização do comércio internacional e a retração dos mercados consumidores determinarão nova queda de preços e redução das exportações brasileiras. Desta vez a solução final virá com uma grande geada que em 1918 devasta os cafezais paulistas, reduzindo a produção de vários anos consecutivos e refazendo assim o equilíbrio.

Com o término da Primeira Guerra Mundial o preço do café volta ao normal e o seu consumo continua a se expandir. Iniciou-se também em larga escala o acesso ao crédito para vários produtores, o qual destinava-se a obter recursos para o escoamento da produção. Portanto a situação da lavoura cafeeira estava bem, com altas margens de lucros. “O desenlace fatal virá com o craque da Bolsa de Nova Iorque, em outubro de 1929. O curso do café não resistirá ao abalo sofrido em todo o mundo financeiro, e declinará bruscamente de 30%” (PRADO, 1982 p.163).

Este dia ficou conhecido como a "quinta-feira negra", a qual levou à queda os preços das ações, crises bancárias e uma onda de falências, acompanhadas de um pânico geral. A depressão que afetou a economia mundial entre 1929 e a maior parte da década de 1930 foi a mais longa e profunda recessão econômica já experimentada pela economia mundial. No Brasil, a repercussão da crise se deu devido à economia possuir característica agro exportadora, que foi altamente afetada pela retração nos investimentos estrangeiros e a redução das exportações, principalmente do café.

Além dessas conseqüências a crise trouxe a economia brasileira, fatores positivos, como explicam, GREMAUD, VALSCONCELLOS e TONETTO (2002, p. 354):

A crise dos anos 30 foi um momento de ruptura no desenvolvimento econômico brasileiro. A fragilização do modelo agroexportador trouxe à tona a consciência sobre a necessidade da industrialização como forma de superar os constrangimentos externos e o subdesenvolvimento. Não foi o início da industrialização brasileira (esta já havia iniciado no final do século XIX), mas o momento em que a industrialização passou a ser meta prioritária da política econômica.

6. INÍCIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

Para que fosse possível o desenvolvimento da indústria brasileira, era necessário que uma grande alteração política fosse elaborada. Era preciso descentralizar a Velha República e centralizar o poder nas mãos do governo federal. Esta foi uma das conseqüências da revolução de 1930, o fortalecimento do Estado Nacional, com a ascensão de novas classes econômicas no poder, com objetivo de industrializar o país.

A industrialização brasileira teve seu início no final do século XIX, porém as indústrias existentes neste período eram rudimentares, pequenas, atendendo somente o mercado interno consumidor. Estas indústrias não recebiam proteção, tão pouco auxílio do governo. Somente a indústria do açúcar beneficiou-se da ajuda do governo, com matéria prima local, máquinas e equipamentos. Neste período também não ocorreram investimentos estrangeiros, e o capital industrial, partira da economia agro-exportadora. Os trabalhadores destas indústrias não eram ex-escravos, mas trabalhadores livres, que ganhavam salários muito baixos. A principal indústria que surgiu no final do século XIX foi à indústria têxtil, a qual beneficiou-se da enorme produção de algodão.

Foi o capital cafeeiro o responsável pela primeira expansão industrial, seja direta ou indiretamente. Uma grande indústria a surgir nesta etapa foi a manufatureira. Nos setores de bens de consumo é que se concentra o maior valor da produção industrial.

As indústrias que surgiram após a Primeira Guerra Mundial, iniciaram o processo de introdução do capital industrial para um crescimento do PIB, e acumulação

do capital. Estas indústrias surgiram nas “franjas”³ do comércio local. Os imigrantes, entre eles operários e técnicos, os quais na maioria europeus, atraídos por cafeicultores e pelo governo, é que compunham a mão de obra destas indústrias no início do século XX.

A contribuição do café na industrialização deu-se devido às pequenas indústrias que surgiram ao seu redor, seja para aumento da produção cafeeira, ou para atividades paralelas a esta. O complexo cafeeiro gerava muitos recursos, e seus donos, fazendeiros, aplicavam muitas vezes o dinheiro não somente nas produções, mas em outras atividades lucrativas, como as indústrias da época, que se desenvolviam lentamente. A maioria das indústrias existentes no país, já haviam iniciado suas atividades no final do século XIX, sendo que durante o ápice do café estas obtiveram maior destaque. Outras indústrias iniciaram sua produção durante o ciclo do café, sendo beneficiadas por este produto. Fábricas artesanais surgiram a partir da iniciativa dos colonos das fazendas de café, que logo mais, se transformaram em industriais. Nessa época, instalaram-se vários tipos de fábrica, como a de mineração de ferro, cal, mármore, a de produção de fósforo, sabão, velas, laticínios e bebidas.

O processo de industrialização não se originou somente do capital dos fazendeiros de café, mas também do capital dos imigrantes, os quais praticavam atividades de comércio interno. GREMAUD, VALSCONCELLOS, TONETTO (1997 p. 62), explicam como aconteceu este fato:

Sem dúvida a transição do trabalho escravo para o trabalho livre do imigrante europeu respondeu por algumas das mais importantes condições para a industrialização. O surgimento de uma massa de salários, impondo a rápida monetização da economia, conta entre as condições que estimulavam a produção de manufaturados para o mercado interno. O fim do escravismo propiciara o surgimento de uma massa salarial a ser dependida do mercado e a presença do imigrante trouxera padrões de consumo diferentes daqueles característicos da sociedade escravista.

³ (Que eram da economia cafeeira, para suprir o mercado interno) Amaury P. Gremaud, Marco A.S.de Valsconcellos e Rudinei Toneto Jr. , 2002.

Sendo a economia brasileira subordinada à economia mundial, com o comércio exterior relacionado à importação e exportação de café, a formação do capital industrial dependia destas exportações, ainda durante a década de 1920.

Já em 1930, esta contribuição foi diminuindo devido à formação de mercado interno, porém o país ainda dependia da contribuição externa para aprimorar suas tecnologias. As indústrias de uma forma seguiram os percursos da economia cafeeira, pois esta contribuiu com a passagem do trabalho escravo para o assalariado, com desenvolvimento do mercado interno e externo, das expansões ferroviárias, e conseqüentemente das primeiras indústrias que surgiram ao redor desta economia em expansão. Portanto estas novas forças produtivas, ou seja, as novas indústrias surgiram com o prolongamento e diversificação do capital cafeeiro. O estado auxiliou com políticas monetárias, fiscais e cambiais, para ocorrer uma elevada acumulação na cafeicultura, a qual proporcionou investimento no setor industrial. A respeito das origens da indústria, SILVA (1986, p.71) comenta:

Em 1885, registra-se em São Paulo o funcionamento de 13 fábricas têxteis com 1.670 operários e 3 fábricas de chapéus com 315 operários. No mesmo ano e mesmo estado sabe-se da existência de sete empresas metalúrgicas que reúnem cerca de 500 operários. Em 1889, conta-se no Brasil 636 empresas industriais onde trabalham 54 mil operários. Em 1901, entre as 91 mais importantes empresas industriais paulistas, 33 empregam de 10 a 49 operários, 33 a 50 a 199, 22 de 200 a 499, duas outras ocupam 600 operários cada uma empresa possui cerca de 800 operários.

Com o crescimento da renda nacional, provocado pelas exportações de café, foram estimuladas a produção e o comércio de produtos manufaturados, a produção artesanal e fabril, o desenvolvimento do setor de serviços e a produção de bens intermediários. Foram fundados alguns bancos, companhias de navegação a vapor, empresas de seguros, de colonização e de transporte urbano e armazenagem. Os fazendeiros do Oeste Paulista construíram um sistema de ligação entre a região e os portos de exportação, investindo muito capital em estradas de ferro. A partir da iniciativa dos colonos das fazendas de café, foram abertas fábricas artesanais, que depois, transformaram-se em indústrias. No final do século XIX instalaram-se diversos tipos de fábricas e indústrias, estas mais especificamente, as de bens intermediários, como o

ferro, aço, produtos químicos e papel celulose. Formavam-se indústrias de matérias primas como cimento, cal; e demais fábricas de mármore, xisto betuminoso de produção de fósforo, sabão, velas, laticínios e bebidas. Com o aumento do consumo nas regiões urbanas, a indústria têxtil nacional obteve crescimento favorável.

GREMAUD, VALSCONCELLOS, TONETTO (1997 p. 63), a respeito da acumulação cafeeira, destacam:

Não menos importante foi a natureza do processo de acumulação de capital na economia cafeeira. Os cafeicultores também investiram em estradas de ferro, bancos e empresas comerciais, fazendo com que os lucros da atividade agrícola fossem mantidos dentro da economia cafeeira e se dirigissem crescentemente ao meio urbano. Não é estranho, portanto, que muitos fazendeiros tenham inclusive investido na indústria ou, de modo mais geral, que os recursos gerados na economia cafeeira tenham, em alguma medida, financiado o investimento industrial.

A empresa do café criou mercado doméstico para a indústria nascente, porém as importações não se reduziram de forma geral. Em 1913 ocorreu uma crise internacional, e logo depois a Primeira Guerra Mundial. Com isso Brasil sofreu diversas conseqüências, pois suas reservas de matérias primas, insumos e equipamentos, esgotaram-se e isto muito afetou o desenvolvimento industrial da época. Devido ao “choque externo, de 1913, seguido da guerra, foi de grande importância para produzir mudanças qualitativas nos investimentos industriais para as décadas de 1920 e 1930” (SUZIGAN, 1986 p.248). Foi, portanto nesta fase que o Brasil notou que precisaria de bases industriais internas sólidas, que variam desde matérias primas até máquinas e equipamentos, para não ser mais uma economia dependente de produtos externos.

O capital para construção destas novas indústrias saiu da mão do governo federal, em sua maioria, mesmo durante o período de guerra, para indústrias de ferro e aço. “Em 1920, o governo concedeu ajuda às empresas de papel e celulose, cimento, artigos de seda, celulose e fertilizantes” (SUZIGAN, 1986, p. 248).

Além dos importadores, os cafeicultores também investiram seus lucros na indústria para diversificar o risco das produções cafeeiras. Foi então, desta maneira que a indústria nasceu no estado de São Paulo no final do século XIX, apesar das elevadas importações. Já no século XX, na década de vinte, a economia norte-americana experimentou um período de grande crescimento. Este período levou ao auge da

produção e do lucro do café no Brasil e também a uma época de grande crescimento industrial. Entre os anos de 1925 e 1929, a produção de café cresceu praticamente em 100%, enquanto o volume das exportações mantinha-se inalterado. Já entre 1927 e 1929, os consumidores externos desejavam menos da metade da produção, sendo que o restante do café ficou nas mãos do governo.

Iniciada a grande depressão nos Estados Unidos, em 1929, o governo brasileiro não obteve mais empréstimos para a compra e estocagem do café excedente. As exportações e os preços do café caíram drasticamente. Como o Brasil obteve muito mais riqueza com o café durante todo o seu ciclo, quando se iniciou a depressão, o país não sofreu tanto.

É então, a partir da década seguinte, que a indústria passaria a ser a principal atividade econômica. No início dos anos trinta com a economia em déficit na balança comercial, e com redução nas importações, a demanda por produtos internos baratos aumentou. Por este motivo a indústria pode expandir-se, enquanto o setor agrícola reduzia-se. Um dos fatores favoráveis ao desenvolvimento da indústria nos anos trinta foi o crescimento do mercado interno e a manutenção da renda doméstica. Porém a desvalorização cambial reduziu a capacidade de importar máquinas e equipamentos para as indústrias locais, sendo um ponto desfavorável à expansão da indústria. Durante este período não houve produção local de maquinarias e equipamentos. Mesmo assim, a produção industrial cresceu em 50% entre 1929 e 1933 no Brasil. Das indústrias que se desenvolveram para substituir as importações nos anos trinta, encontram-se em maior número as de bens de consumo.

A dependência do setor industrial em relação ao setor cafeeiro é descrita da seguinte maneira (TAVARES, 1985 p.100):

Ademais, o setor industrial depende do capital cafeeiro, também duplamente. Em primeiro lugar, para expandir-se fisicamente, para repor e ampliar a sua capacidade produtiva depende da capacidade para importar gerada no setor exportador, que substitui, desta forma, pelo lado da demanda para trás, um verdadeiro departamento de bens de produção. Em segundo lugar, o setor industrial é incapaz de gerar endogenamente o seu próprio mercado, dependendo para sua expansão inicial de mercado prévios e "externos", criados direta ou indiretamente pelo complexo exportador, mesmo que seja pela via do gasto público ou da expansão da urbanização.

A grande maioria dos valores da produção industrial encontrava-se em São Paulo e no antigo Distrito Federal. Nestas cidades encontravam-se fábricas com mais de 100 operários e fábricas com capital de 1.000 contos de réis. Encontravam-se no Brasil, a fábrica e a manufatura, onde a fábrica adquire maior importância devido ao capital que emprega, enquanto que na manufatura no número de trabalhadores é bem menor, e a produção é pequena, como a de subsistência, (SILVA, 1986 p.83):

O critério relativo ao número de operários permite reagrupar as manufaturas. Os estabelecimentos com 100 ou mais operários podem seguramente serem classificados como manufaturas de tipo médio ou superior. O critério relativo ao capital permite destacar as fábricas. Os estabelecimentos que empregam um capital igual ou superior a 1.000 contos devem certamente serem classificados como representantes da grande indústria. Portanto empresas com 100 ou mais operários ou capital igual ou superior a 1.000 contos de “grandes empresas”.

“A região de São Paulo, no ano de 1907, agrupava cerca de 85% de indústrias com mais de 100 operários, enquanto que o antigo Distrito Federal, no mesmo período, 70%, de acordo com dados do Centro Industrial do Brasil, e as grandes empresas ficam com 80% dos operários em São Paulo e 57% no antigo Distrito Federal” (SILVA, 1981 p.83).

O capital industrial, portanto, surgiu das formas de acumulação do capital cafeeiro, e aquele capital fortalece o capitalismo e o comércio internacional do Brasil com outros países. O capital cafeeiro divide-se em financeiro para ajudar as lavouras, em comercial para realizar compra e venda de produtos e industrial para gerar bens de consumo. Portanto com todas estas funções foi o responsável pela dinamização econômica. “A industrialização pode levar a mudanças nas formas de subordinação associadas a transformações do capitalismo no Brasil, como a perda da posição dominante por parte do capital cafeeiro ou mesmo do capital comercial” (SILVA, 1981 p. 113).

6.1 Surgimento Da Burguesia Industrial

Com a imigração de estrangeiros, principalmente europeus no final do século XIX e início do século XX, gerada na economia cafeeira, foram criadas bases para que no período industrial esses mesmos imigrantes se tornaram burguesia industrial. Caio PRADO Jr. (1974, p.265), diz:

Analisando-se o tipo dos industriais brasileiros, observa-se que boa parte deles se constitui de indivíduos de origem modesta que, estabelecendo-se com empreendimentos a princípio insignificantes, conseguiram graças aos grandes lucros dos momentos de prosperidade e um padrão de vida recalçado para um mínimo essencial a subsistência, ir acumulando os fundos necessários para ampliarem suas empresas. Este será o caso, em particular, de imigrantes estrangeiros, colocados em situação social que lhes permitia tal regime de vida. Efetivamente, a maior parte da industrial brasileira encontrou-se logo nas mãos de adventícios de recente data ou seus sucessores imediatos, os Matarazzo, Crespi, Jaffet, Pereira Ignácio, etc.

O comércio é fundamental para as relações industriais, porém a hegemonia do capital cafeeiro levou a subordinação da economia brasileira com relação à economia mundial. O núcleo da grande burguesia paulista na época da indústria nascente eram os burgueses enriquecidos, como um trecho de SILVA (1981, p.98).

Em 1901, estima-se que 90% dos operários em São Paulo são estrangeiros. Uma pesquisa na indústria têxtil na cidade de São Paulo em 1913 indica que em um total de 10.184 operários não há mais que 1.083 de nacionalidade brasileira contra 6.044 italianos. A porcentagem total de operários eleva-se a 82%. Segundo o recenseamento de 1920, o número de operários estrangeiros em São Paulo é de 40% em relação ao total. Mas os brasileiros são majoritários, sobretudo entre os operários de menos de 20 anos e entre estes, encontravam-se, certamente numerosos filhos de trabalhadores imigrantes. Entre os operários com 20 anos ou mais, a porcentagem de trabalhadores imigrantes eleva-se à cerca de 50%.

Porém, a indústria é um enorme comércio, e não somente depende dos imigrantes europeus. Uma das contribuições da industrialização ter ganhado espaço no final da década de vinte foi à fusão do capital cafeeiro, dos antigos fazendeiros, com os capitais na da nova burguesia industrial. Esta contribuição levou a formação de grandes indústrias na época.

As grandes indústrias que surgem no início da industrialização são da Família Matarazzo, que começam como importadores de óleos alimentares, farinha e arroz. Os irmãos Jafet, Crespi e Diederichsen também começaram no setor de importações, Roberto Simonsen, um dos mais importantes líderes da indústria brasileira, já na década de vinte, foi também importador. (SILVA, 1981 p.96).

“A. Prado, um dos pioneiros da expansão do café em São Paulo, é também um dos pioneiros da indústria brasileira” (SILVA, 1981 p.97).

6.2 A Produção Das Indústrias

O nascimento e o conseqüentemente desenvolvimento da indústria no Brasil foi um dos aspectos relevantes para o desenvolvimento do capitalismo em grande escala no país. A maioria das indústrias existentes ao redor do mercado cafeeiro, produziam mais para consumo interno, do que para exportação, pois não possuíam tecnologia suficiente para produzir grandes quantidades. E foi durante o decorrer da década de vinte que as indústrias aumentaram sua produção. Não foi só da economia cafeeira que surgiram todos os recursos e infra-estrutura para o progresso industrial da época. Era, portanto, necessários investimentos em áreas como energia, urbanização, transportes, havendo, portanto necessidade de importar, ou seja, abrir a economia ao capital externo, principalmente com os bens de produção.

Mesmo durante os anos de 1914 a 1918, com a economia mundial em crise, devido a Primeira Guerra, não se afetou muito a produção industrial. Houve um crescimento industrial favorável neste período.

As relações entre capital cafeeiro e industrial podem destacar-se da seguinte maneira, como comenta, Sergio SILVA (1981, p.103):

As relações entre o comércio exterior e a economia cafeeira, de um lado, e a indústria nascente de outro, implicam, ao mesmo tempo, a unidade e a contradição. A unidade está no fato de que o desenvolvimento capitalista baseado na expansão cafeeira provoca o nascimento e um certo desenvolvimento da indústria; a contradição, nos limites impostos ao desenvolvimento da indústria pela própria posição dominante da economia cafeeira na acumulação de capital.

TABELA 5. BRASIL – INDÚSTRIA, 1907 E 1920

Ano	Nº de Empresas	Capital (Contos)	Produção (Contos)	Força Motriz	Nº de Operários
1907	3.258	653.555	731.292	109.284	149.018
1920	13.336	1.815.156	2.959.176	310.424	275.512

Fonte: Sérgio Silva. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. 1986, p. 72.

TABELA 6. DISTRITO FEDERAL⁴ E SÃO PAULO – INDÚSTRIA – 1907, 1920 E 1929

Ano	Nº de Empresas	Capital (Contos)	Força Motriz (C.V.)	Nº de Operários
Distrito Federal				
1907	662	167.120	22.279	34.850
1920	1.542	441.669	69.703	56.517
1929	1.937	641.661	-	93.525
São Paulo				
1907	326	127.702	18.301	24.186
1920	4.145	537.817	94.099	83.998
1929	6.923	1.101.824	-	148.376

Fonte: Sergio Silva. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. 1986, p. 73.

⁴ Antigo Distrito Federal encontra-se onde hoje é a cidade do Rio de Janeiro e sua periferia.

**TABELA 7. VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – INDICE SIMONSEN BRASIL:
1914-1918**

Ano	Custo de Vida	Produção Industrial	
		Nominal	Real
1915	108	127	118
1916	116	164	140
1917	128	253	197
1918	144	247	171
1919	148	312	209
1920	163	308	188
1921	167	315	188
1922	184	401	218
1923	202	616	303
1924	236	461	194
1925	252	452	178
1926	260	504	193
1927	267	581	217
1928	263	747	284
1929	261	702	269

Fonte: Silva, Sergio. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. 1986, p.103.

7. ALGUMAS INDÚSTRIAS ESPECÍFICAS

A industrialização foi um grande passo para o desenvolvimento do Brasil. Principalmente porque proporcionou condições ao país para passar de uma economia agroexportadora para uma economia industrial. Todas os tipos e setores da indústria contribuíram de alguma forma para progresso das forças produtivas, da melhoria da classe trabalhadora, nas relações comerciais ou internacionais, no surgimento e desenvolvimento do capitalismo, e no desenvolvimento do comércio interno no país. Algumas das indústrias que mais se destacaram durante o final do século XIX e início do século XX, foram as seguintes:

- Indústrias Têxteis (algodão, lã, juta);
- Indústrias Manufatureiras;
- Indústrias de Chapéus;
- Indústrias de Calçados;
- Indústrias de Vestuário;
- Moinhos de Trigo;
- Indústria do Açúcar;
- Indústrias Metal-Mecânicas;
- Indústria de Cimento;
- Indústria de Ferro e Aço;
- Produtos de Borracha;
- Indústria Química e Farmacêutica;
- Frigoríficos;
- Indústria Siderúrgica;
- Indústria do Papel

TABELA 8. PRINCIPAIS INDUSTRIAS DESENVOLVIDAS NO BRASIL NOS PERÍODOS ANTERIOR E POSTERIOR A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Período anterior à Primeira Guerra	Período posterior à Primeira Guerra
<p>Têxteis: algodão, juta e lã Chapéus Calçados Moinhos de Trigo Fabricação e refino de açúcar Cervejarias Metal-Mecânica I (moenda e peças para engenhos de açúcar, moinhos para cereais, máquinas para beneficiar café e arroz, máquinas leves para agricultura, ferramentas e utensílios). Fósforos Outras Indústrias (vestuário, sabões e velas, artigos de vidro, mobiliário, produtos alimentícios, cigarros, editorial e gráfica).</p>	<p>Cimento Ferro e Aço Metal-Mecânica II (máquinas agrícolas pesadas, máquinas industriais, aparelhos elétricos, equipamentos de construção de transporte) Papel e Celulose Produtos de Borracha Química e Farmacêutica Óleo de caroço de algodão Têxteis: seda e raiom Carnes congeladas e industrializadas</p>

Fonte: Suzigan, W. Indústria Brasileira Origem e Desenvolvimento. 1986, p. 114.

7.1 Indústrias Têxteis

Estas indústrias têm seu desenvolvimento desde 1830. Este fato ocorre devido a grande quantidade de matéria prima disponível: o algodão. Esta indústria obteve proteção e apoio do governo para seu fortalecimento. Foi uma das mais importantes para a transformação do país até 1939. “A concentração regional da indústria de produtos de algodão aumentou na década de 1920, tornando-se São Paulo o principal centro da indústria no progresso econômico proporcionado pela cultura do café para exportação” (SUZIGAN, 1986 p.152).

Conforme o desenvolvimento da indústria têxtil, SUZIGAN (1986, p.122), destaca:

Em 1907 a indústria têxtil empregava cerca de 34,2% dos trabalhadores da indústria de transformação e tinha 40,2% do total da força motriz instalada e 40,4% do total do capital investido. Em 1919 e 1939 a participação da indústria têxtil no total do valor adicionado da indústria de transformação foi, respectivamente: de 25,2% e 20,6% vindo após a indústria de processamento de alimentos.

**TABELA 9. EXPORTAÇÕES DE MAQUINARIAS TÊXTIL PARA O BRASIL
1893 – 1939 – MÉDIAS ANUAIS**

Períodos £ (preços de 1913)		Períodos £ (preços de 1913)	
1893-1895	349.094	1921-1923	469.517
1896-1901	140.880	1924-1926	771.091
1902-1906	186.209	1927-1929	491.029
1907-1910	409.757	1930-1932	223.540
1911-1913	582.847	1933-1934	395.241
1914-1920	126.345	1935-1936	570.997
		1937-1939	676.311

Fonte: Suzigan W. Indústria Brasileira Origem e Desenvolvimento. 1986, p.149.

TABELA 10. VALOR DA PRODUÇÃO POR RAMOS % INDÚSTRIA, 1920

Grupo I		Grupo II	
Têxtil	27,0	Minerais não metálicos	2,7
Roupas e calçados	8,2	Metalurgia	3,4
Produtos alimentares	32,9	Mecânica	0,1
Bebidas	4,7	Material de Transporte	1,3
Fumo	3,6	Química e farmácia	5,7
Madeira	4,3	Borracha	0,1
Couro e peles	2,5	Papel e papelão	1,3
Mobiliário	1,4		
Edição e diversos	0,8		
Total	85,4	Total	14,6

Fonte: SILVA, S. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. 1986, p. 113.

TABELA 11. BRASIL, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO: CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA MANUFATUREIRA, 1907, 1920, 1929

Características	1907			1920			1929	
	Brasil	RJ	SP	Brasil	RJ	SP	RJ	SP
Nº de Estabelecimentos	3.258	662	326	13.336	1.542	4.145	1.937	6.923
Capital (Contos de Réis)	653.555	167.120	127.702	1.815.156	441.669	537.817	691.661	1.101.824
Força Motriz	109.284	22.279	18.301	310.424	69.703	94.099	----	----
Operários	149.018	34.850	24.186	275.512	56.517	83.998	93.525	148.376

Fonte: GREMAUD, VALSCELLOS, TONETTO 1997, p. 66.

7.2 – Indústrias de Chapéus

O completo desenvolvimento desta indústria, com maquinarias em sua produção, deu-se no final do século XIX. Porém a fabricação de chapéus iniciou-se com a produção manual em meados de 1830. Esta indústria ficou somente atrás da têxtil em importância para a industrialização do Brasil. Também ganhou incentivos e ajuda do governo. A primeira fábrica instalada no país foi no Rio de Janeiro em 1825⁵.

As matérias primas usadas para a confecção dos chapéus eram em sua maioria importadas. Eram empregados muitos trabalhadores nas fábricas. Segundo SUZIGAN (1986 p. 176):

A participação da produção nacional na oferta total de chapéus para o mercado interno era de 88,8% em 1907 e a mesma porcentagem em 1911-1913, quando aproximadamente 4,5 milhões de chapéus de homem eram produzidos por ano. A produção declinou durante a guerra, mas com a substituição de importações em 1919, a produção interna na oferta total aumentou para 97,2%. Acompanhou altas taxas de crescimento durante a década de 1920, tendo um pico em 1928, quando foram produzidos cerca de 7,4 milhões de chapéus de homens. Durante os anos da depressão e na década de 1930, a indústria de chapéus estagnou, e com o uso do chapéu em decadência começou um período de decadência.

7.3 – Indústria de Calçados

Esta também, como as demais indústrias, iniciou seu desenvolvimento no século XIX, com pequenas fábricas e produção manual. Os capitais investidos nestas fábricas eram de origem local, em sua maioria, com exceção de algumas indústrias. As máquinas para confecção de calçados foram introduzidas no país no século XX. “As condições econômicas gerais melhoraram consideravelmente o período de 1907-1913, particularmente nas áreas cafeicultoras, após a assinatura do primeiro acordo de defesa do café, no final de 1906” (SUZIGAN, 1986 p. 183). O aumento da demanda contribuiu fortemente para o seu bom desenvolvimento durante toda a década de 1920, e também para a importação de máquinas necessárias para a produção dos calçados.

⁵ Suzigan W., 1986.

Devido a grande depressão de trinta e decadência do café, as importações foram proibidas durante a década de 1930, prejudicando a indústria de calçados, a qual decaiu um pouco.

7.4 – Indústrias Metal-Mecânicas

Outro exemplo de indústria que recebe destaque foram às indústrias metal-mecânicas. Estas indústrias tiveram importância relativamente grande devido à demanda por metal para construção de algumas máquinas e instrumentos agrícolas, construção de vagões de trens, e outras maquinarias, as quais cada vez mais aumentavam. Estas indústrias obtiveram crescimento, devido a contribuição cafeeira.

Devido às contribuições do governo com políticas fiscais, cambiais, com redução de tarifas, foi possível a importação de matérias primas (aço, ferro) para o início do desenvolvimento dessas indústrias no país. Portanto, as indústrias obtiveram grande êxito em todo os ramos que atuavam. “O número de estabelecimentos da indústria metal-mecânica fundados em 1915-1919 foi superior ao de qualquer outro quinquênio anterior” (SUZIGAN, 1986 p.245).

7.5 – Indústrias de Cimento

As indústrias de cimento desenvolveram-se mais tarde no país devido à dificuldade de encontrar matérias primas locais. Praticamente todas essas indústrias foram constituídas com capital estrangeiro, vindo a se estabelecer no Rio de Janeiro e São Paulo. O governo incentivou a vinda destes capitais através de isenção de impostos, baixas tarifas, baixo custo de transporte.

Este mercado dinamizou-se durante a década de vinte, onde foi ganhando mais espaço, e principalmente, quando as importações diminuíram ao final da década. Pois desta forma, as indústrias desenvolveram-se mais internamente.

7.6 – Indústrias Siderúrgicas

A siderurgia em fins do século XIX não tinha muita importância no Brasil. Mas no decorrer do século XX, começou a ganhar mais espaço devido à importância da produção de ferro e aço para construção de estradas de ferro, infra-estrutura, e demais instalações. Foi iniciativa do governo, o qual contribuiu com seu capital, para aumentar este mercado ao desenvolvimento da indústria siderúrgica no país.

8. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como foco central à relevância do café como principal produto brasileiro para intensificar o processo de industrialização do país. O café foi um dos produtos mais importantes para a história brasileira, pois ele foi responsável pelas grandes exportações realizadas em um grande período da economia brasileira, trazendo grandes oportunidades para investimento de capital. O café foi um dos ciclos que melhor se adaptou ao clima e a região centro-sul do Brasil, levando o país a ser o maior produtor mundial de café. Esta classificação trouxe muitos benefícios para o país, o qual passou inserir-se no mercado internacional.

O café foi um grande responsável pela quantidade de investimentos internos feitos no Brasil ainda no final do século XIX, como a mudança nos meios de transportes pela construção das estradas de ferro, deslocamento de mão de obra, entrada de imigrantes, o fim da escravidão, início do trabalho assalariado e a formação de um mercado consumidor interno. Com todas estas características o complexo cafeeiro pode transferir recursos para a formação do setor industrial.

As indústrias que surgiram ao redor da produção cafeeira eram pequenas, e destinadas ao mercado interno, pois não possuíam tecnologia suficiente para competirem no mercado internacional.

Muitas indústrias se desenvolveram no início do século XX com a contribuição do capital cafeeiro, mas não só deste, pois também os imigrantes investiam seu dinheiro em indústrias locais. Quando o café atravessava por crises, ou simplesmente para diversificar seus investimentos, os cafeicultores transferiam recursos para outras áreas da economia.

Esses investimentos eram feitos principalmente nas indústrias locais. Dessa forma, lentamente, iniciou-se o período industrial brasileiro. As indústrias privadas enfrentaram algumas dificuldades devido às condições de investimentos no início do século XX. E, com isso, durante a década de vinte, o governo começou a intervir, através de benefícios e subsídios para as indústrias poderem importar equipamentos e máquinas para um maior desenvolvimento.

Mas foi no final da década de vinte, com a crise mundial ocorrida, devido à quebra da bolsa de Nova Iorque, que o país encontrou-se em situação complicada. Pois não possuía mais mercado externo para comprar seus produtos e insumos, e também não havia mais as exportações cafeeiras, as quais sustentavam a economia do Brasil na época.

Foi então que o país direcionou seus recursos à industrialização como meta prioritária. As primeiras indústrias a ganharem desenvolvimento durante a depressão de trinta foram as de bens de consumo. Mas, o país ainda sofria com o problema da falta de tecnologia, e necessitava de importação de máquinas e equipamentos para produção.

Dessa forma, concluímos, que o capital cafeeiro transformou as relações de produções, impulsionou o país a um desenvolvimento industrial, o qual era inevitável naquela época para uma economia como a brasileira.

REFERÊNCIAS

- CANO, Wilson. **Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil 1930-1970**. São Paulo: Global Editora, 1985.
- DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: Difel Editorial S.A., 1971.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 16ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.
- Furtado, B. Milton. **Síntese da Economia Brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Técnicos e Científicos Editora S.A, 1984.
- GREMAUD, P. A; VASCONCELLOS, de S.A.M; TONETTO, Jr. R. **Economia Brasileira Contemporânea**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.
- GREMAUD, P. A; VASCONCELLOS, de S.A.M; TONETTO, Jr. R. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Atlas S.A., 1997.
- MAGALHÃES, de B.B. Fº Francisco. **História Econômica**. 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1991.
- MELLO, de C. Manuel João. **O Capitalismo Tardio**. 10ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- NETTO, Delfin. **O Problema do Café no Brasil**. São Paulo: USP, 1959.
- PRADO, Jr. Caio. **História**. São Paulo: Ática, 1982.
- SILVA, Sergio. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Alfa Omega, 1986.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TAUNAY, de E. Affonso. **Pequena História do Café no Brasil (1727-1937)**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1945.

TAVARES, da C. Maria. **Acumulação de Capital e Industrialização do Brasil**. São Paulo: Unicamp, 1985.